

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS CIDADE DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE ÁREAS ACADÊMICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

DANIEL ABREU SANTOS

ARTE DO GRAFITE, UMA MEDIAÇÃO ENTRE CORPO E ESPAÇO

GOIÁS – GO
2025

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia–Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: Daniel Abreu Santos

Matrícula: 20201100080081

Título do Trabalho: Arte do Grafite, Uma Mediação Entre Corpo e Espaço

Autorização - Marque uma das opções:

1. (X) Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. () Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo).
3. () Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico- científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Goiânia - GO, 10/11/2025



Documento assinado digitalmente
DANIEL ABREU SANTOS
Data: 10/11/2025 11:58:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

DANIEL ABREU SANTOS

ARTE DO GRAFITE, UMA MEDIAÇÃO ENTRE CORPO E ESPAÇO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Artes Visuais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Câmpus Cidade de Goiás, como requisito para a obtenção da Licenciatura em Artes Visuais.

Orientador(a): Prof. Dra. Ana Rita da Silva

GOIÁS - GO
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de
Goiás – Campus Cidade de Goiás

751.73

S237a

Santos, Daniel Abreu.

Arte do grafite, uma mediação entre corpo e espaço / Daniel
Abreu Santos ; orientadora, Ana Rita da Silva – Cidade de Goiás, 2025.
46 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia – Campus Cidade de Goiás, Departamento de Áreas
Acadêmicas, Licenciatura em Artes Visuais.

1. Grafite. 2. Corpo. 3. Educação antirracista. 4. Arte urbana. I.
Silva, Ana Rita da, orientadora. II. Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia. III. Título.



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS CIDADE DE GOIÁS

Folha de Aprovação

DANIEL ABREU SANTOS

ARTE DO GRAFITE, UMA MEDIAÇÃO ENTRE CORPO E ESPAÇO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Cidade de Goiás, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais

Monografia defendida e aprovada, em 08 de julho de 2025, pela banca examinadora constituída pelos seguintes membros:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra Ana Rita da Silva (Presidente da banca – Orientadora)

Profa. Dra. Naira Rosana Dias da Silva (Membra Interna)

Prof. Dr. Alemar Moreira de Sousa (Membro Interno)

Profa. Ádria Borges Figueira Cerqueira (Suplente)

Documento assinado eletronicamente por:

- Naira Rosana Dias da Silva, COORDENADOR(A) DE CURSO - FUC1 - GOI-CCLAV, em 07/11/2025 20:32:16.
- Alemar Moreira de Sousa, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 07/11/2025 19:27:36.
- Ana Rita da Silva, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 07/11/2025 19:22:52.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 07/11/2025. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 713288
Código de Autenticação: 178aeefb7a



DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho àqueles que, de diferentes formas, que somaram e atravessaram minha jornada e deixaram marcas — como traços de tinta de *spray* viva, sobre o concreto da vida.

Aos meus professores, cujos ensinamentos foram mais que palavras: foram sementes lançadas sobre o solo fértil da dúvida e da inquietação. Ajudaram a brotar essa semente, que ali estava, adormecida. Em especial, à professora Dra. Ana Rita, por sua escuta generosa, pela orientação sensível, compreensão e pelo compromisso com a arte e o conhecimento. Professora Renata Falletti por suas aulas ricas em conteúdos, que para mim foram esclarecimentos que desfazem um nó emaranhado. Professora Flora, tão dedicada e criativa, suas aulas me mostraram outras práticas artísticas que revolucionaram minhas atuais atividades artísticas. A instituição, por suas paredes, onde foi meu caderno de rascunho e experimentos com as latas de *spray*. Aos meus colegas de turma, que hoje são meus companheiros e companheiras de luta, confortavam em dias difíceis — pilares que sustentaram esta caminhada!

À minha família, meu alicerce silencioso e constante, agradeço por cada gesto de apoio, por cada espaço de afeto que me acolheu quando o mundo parecia inabitável. Aos amigos, que foram abrigo, irmãos, e respiro, presença e cor.

E, sobretudo, dedico este trabalho ao grafite — arte de rua, corpo em movimento, palavra em cor, que me ensinou a habitar o espaço com poesia e resistência. Foi por meio dele que vivi possibilidades, conquistei voz e caminhos onde antes só havia muros.

Que este trabalho seja, também, um traço deixado no mundo — efêmero talvez, mas profundamente vivido.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é fruto de encontros que atravessaram não só meu percurso acadêmico, mas também minha trajetória enquanto sujeito sensível às linguagens da rua, da arte e da educação.

Agradeço primeiramente aos meus colegas de turma, que caminharam comigo durante essa trajetória acadêmica. Em cada conversa, experiências inimagináveis que passamos, trocas e parceria, encontrei força, acolhimento e inspiração para continuar e acreditar no valor da nossa caminhada coletiva.

Às escolas onde realizei meus estágios, meu sincero agradecimento. Foram espaços de aprendizado profundo, onde pude experimentar, errar, recomeçar e entender, na prática, como a educação se entrelaça com a arte e com o cotidiano dos corpos que ali habitam.

Sou profundamente grato pelas oportunidades que tive em projetos dentro da cidade de Goiás e também fora do estado. Cada experiência vivida foi um convite para ampliar meu olhar, minha escuta e minha presença no mundo.

De forma muito especial, agradeço ao projeto **"Arte Urbana para uma Educação Antirracista"**, que não apenas me abriu portas, mas me mostrou meu valor enquanto sujeito ativo na sociedade. Foi através dele que compreendi o poder do grafite como linguagem de resistência, como ferramenta de transformação social, e como ponte entre o corpo e o espaço. Esse projeto foi, e ainda é, parte do meu empoderamento enquanto artista negro, grafiteiro, educador e cidadão.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) aborda o grafite como uma forma de mediação entre corpo e espaço, destacando sua relevância como manifestação artística, social, política e pedagógica. Partindo de uma narrativa autobiográfica, o autor analisa sua trajetória pessoal com a arte urbana, evidenciando como o grafite foi essencial na construção de sua identidade e no desenvolvimento de projetos educativos com foco na educação antirracista. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e interpretativa, fundamentada em referenciais teóricos como Albuquerque (2022), Fanon (2008) e hooks (2013), para discutir o grafite como ferramenta de resistência, inclusão e transformação social. O trabalho explora os diferentes estilos, técnicas e linguagens do grafite, ressaltando sua capacidade de ocupar o espaço urbano com mensagens de resistência e pertencimento, além de promover uma educação crítica e emancipadora. Ao longo da produção, são relatadas experiências em oficinas, projetos de extensão, eventos culturais e intervenções artísticas, nas quais o corpo do artista é apresentado como instrumento de expressão e mediação com o público. O estudo reforça o grafite como uma prática pedagógica capaz de estimular a criatividade, a cidadania e o protagonismo social, promovendo uma leitura crítica do mundo e contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Palavras-chave: Grafite. Corpo. Educação antirracista. Arte Urbana.

ABSTRACT

This Final Undergraduate Project (TCC) addresses graffiti as a form of mediation between body and space, highlighting its relevance as an artistic, social, political, and pedagogical manifestation. Based on an autobiographical narrative, the author analyzes his personal journey with urban art, demonstrating how graffiti has been essential in building his identity and developing educational projects focused on anti-racist education. The research adopts a qualitative and interpretative approach, grounded in theoretical frameworks such as Albuquerque (2022), Fanon (2008), and hooks (2013), to discuss graffiti as a tool for resistance, inclusion, and social transformation. The study explores the different styles, techniques, and languages of graffiti, emphasizing its ability to occupy urban spaces with messages of resistance and belonging, while fostering critical and emancipatory education. Throughout the work, experiences in workshops, extension projects, cultural events, and artistic interventions are reported, where the artist's body is presented as an instrument of expression and mediation with the public. The study reinforces graffiti as a pedagogical practice capable of stimulating creativity, citizenship, and social protagonism, promoting a critical reading of the world and contributing to the construction of a more just and egalitarian society.

Keywords: Graffiti. Body. Anti-Racist Education. Urban Art.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Movimento punk

FIGURA 2 - Cultura em ação

FIGURA 3 - Michel Basquiat

FIGURA 4 - Alex Vallauri

FIGURA 5 - Projeto Cores Vivas

FIGURA 6 - Beatles in roll

FIGURA 7 - 175 anos de Lyceu

FIGURA 8 - Lata de Tinta

FIGURA 9 - Lata de Tinta

FIGURA 10 - Lata de Tinta

FIGURA 11 - Streetart Hardcore

FIGURA 12 - Streetart Hardcore

FIGURA 13 - Streetart Hardcore

FIGURA 14 - Streetart Hardcore

FIGURA 15 - Colônia de Férias Movimentare

FIGURA 16 - Oficina de grafite - Movimentare

FIGURA 17 - 20º semana nacional de ciências e tecnologias - Arte urbana para uma educação antirracista

FIGURA 18 - IFG - Formosa-GO. Arte Urbana Para Uma Educação Antirracista

FIGURA 19 - Arte Urbana Para Uma Educação Antirracista

FIGURA 20 - Arte Urbana Para Uma Educação Antirracista - IFG

FIGURA 21 - Arte Urbana Para Uma Educação Antirracista - Lei Paulo Gustavo.

FIGURA 22 - Arte Urbana Para Uma Educação Antirracista - Uruaçu-GO

FIGURA 23 - Bento Gonçalves-RS, 2024. Exposição coletiva “Cerrado para o Brasil.”

FIGURA 24 - Santiago - Chile. 2024 - “Cerrado Goiano”

FIGURA 25 - Artedoor - Goiânia-GO, 2024. “Goiás, sua Riqueza é o Cerrado”

FIGURA 26 - Diploma Honra ao Mérito - Câmara Municipal de Goiânia-GO, 2025

Sumário

1. INTRODUÇÃO	12
2. MINHA TRAJETÓRIA NO MUNDO DA ARTE E DO GRAFITE.....	15
3. GRAFITE E SUAS DIFERENTES LINGUAGENS E FORMAS DE EXPRESSÃO.....	22
4. ASCENÇÃO DO CORPO MEDIANTE OS ESPAÇOS E CONTRUÇÃO DE MINHA IDENTIDADE.....	26
5. REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE PESQUISA.....	43
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46

Introdução

A escolha do tema Arte do grafite: uma meditação entre corpo e espaço, surgiu da vivência pessoal e da observação cotidiana das manifestações artísticas presentes nos muros urbanos. O grafite, enquanto expressão legítima da cultura de rua, extrapola os limites da estética convencional e se posiciona como um manifesto político, social e corporal. A motivação para essa pesquisa está na potência transformadora do grafite como ferramenta pedagógica e metodológica capaz de mediar a relação entre o corpo e o espaço urbano, provocando reflexões, questionamentos e ressignificações.

A metodologia adotada para a elaboração deste trabalho é de natureza qualitativa e narrativa, com base em uma perspectiva autobiográfica. Conforme Clandinin e Connelly (2000), a pesquisa narrativa se fundamenta na compreensão de que os seres humanos dão sentido às suas vidas por meio de histórias, sendo o relato autobiográfico uma forma legítima de produção de conhecimento. Para os autores, as experiências vividas, quando narradas de forma reflexiva, tornam-se fonte de compreensão tanto para o pesquisador quanto para os leitores, ampliando os horizontes da investigação educacional.

Busca, assim, compreender a experiência humana a partir da trajetória de vida do próprio pesquisador, permitindo a articulação entre vivências pessoais e contextos sociais, históricos e culturais. Segundo Josso (2004), a narrativa autobiográfica possibilita ao sujeito revisitar sua história, refletindo criticamente sobre os sentidos atribuídos às suas experiências e reconhecendo os processos de aprendizagem que atravessam sua trajetória.

Desse modo, a escolha por uma abordagem autobiográfica permite refletir sobre experiências pessoais com a arte urbana, conectando-as a discursos acadêmicos e sociais. Utilizou-se, ainda, a análise de referenciais teóricos pertinentes à temática, como Albuquerque (2022), que aborda a pichação como forma de resistência e denúncia social.

Os possíveis resultados encontrados apontam para o reconhecimento do grafite como uma arte insurgente, capaz de promover mediações significativas entre corpo, espaço e sociedade. Observa-se que o grafite, antes marginalizado, hoje ocupa espaços institucionais e comerciais, sem perder sua essência

contestadora. Mais do que uma forma de expressão artística, o grafite se mostra uma ferramenta de transformação social, principalmente em contextos periféricos, ao trazer cor, identidade, informação e esperança.

Com este estudo, busco não apenas compreender a arte do grafite em sua complexidade, mas também afirmar seu valor enquanto patrimônio cultural urbano, e destacar a atuação do corpo como mediador sensível e político na produção dessa arte. Através dessa reflexão, pretende-se contribuir com novas formas de olhar, pensar e ensinar arte nos contextos formais e informais de educação.

Considero que a arte do grafite é um manifesto artístico e potente para ilustrar com rabiscos e cores questões diversas que atravessam a realidade social, compondo muros, becos e espaços espalhados pela cidade, uma arte que vem da cultura *hip-hop* e da cena *punk*, uma arte vilipendiada como marginal, por uma discriminação social. Assim os artistas do grafite se expressam, de sua forma, sua criação, seja no pichar ou no colorir, como grito de (re)existência. e Albuquerque (2022) argumenta que por sua essência o pixo não é arte, mas sim um ato de resistência e protesto:

O pixo não é arte. Arte sublime, pertence ao Olimpo social cuja população periférica não possui ticket de entrada. O picho é uma contra-arte, contra estética, contra-cosméticos social, não é feito para ser agradável. A assinatura do pichador no ponto mais alto da cidade demarcada uma subjetividade, uma identidade a quem está acostumado a ser número, em estatística. O picho invade, se impõe, não é feito para ser estético ou bem visto, se o for perde o propósito. A pichação é um grito de resistência, de existência. É uma luta pessoal do pichado e de seu grupo contra o apagamento social cotidiano de sua classe, e de sua cor. (Albuquerque, 2022, p.13).

A autora pontua, a respeito do manifesto da rua e sua independência, sua clandestinidade, se negando a ser arte, mostrando ainda mais sua importância, sua insubordinação, sua agressividade, muito além do que apenas um manifesto político. Nesse sentido, podemos afirmar que a arte/manifestação do grafite é patrimônio cultural e histórico do coração de cada artista.

O grafite vem ganhando potência no mundo, e o Brasil é um país que vem se destacando nessa arte. A arte do grafite nem sempre teve seu espaço, porém, sua resiliência é a resistência de força, sua adaptação no espaço-tempo se fez visível e admirável aos olhos do mundo. Dentro de espaços formais e não formais, ganha credibilidade, por meio do comércio consumindo essa arte, artistas sustentando sua família atrás da arte do *spray*. Há expectativas futuras de que irá crescer ainda

mais o consumo desse tipo de arte, em meio a era digital, porque ainda se busca, na manualidade, a alma na obra.

Observa-se que décadas atrás não havia esse engajamento no mercado e muito menos como uma iniciativa social através de projetos culturais para comunidades carentes. Sendo assim, os grafiteiros como mediadores de trazer e levar uma arte autêntica, cheia de vida e problematizações, capaz de trazer esperança em meio ao caos, informação em meio à desinformação, leitura de imagens para o analfabetismo, alegria para a criança da periferia, enaltecer a pele negra e sem acepções de pessoas, como todos um só, sendo antirracista, assim uma arte que visa a igualdade social, porque de onde ela veio, em seu contexto artístico, não era pra se ver atrás de uma vidraça embrulhado com papel bolha. A arte do grafite é efêmera! Os problemas cotidianos mudam, e assim a arte precisa ser valorizada no seu tempo, estar pronta para receber o outro quem vem.

Assim segue esse trabalho, para mostrar a potencialidade do corpo como mediador da arte do grafite dentre os espaços urbanos, ocupando com uma contextualização social, usando a arte com ferramenta pedagógica para alcançar objetivos éticos voltados para um bem pessoal e coletivo. Todos nós somos corpos, buscando uma constância evolução, resiliente, modificando a presente realidade através de ações continuadas que promovem o grafite como meio de comunicação e conscientização, este projeto demonstra como a arte, mesmo sendo efêmera, tem o poder de modificar realidades, proporcionando uma leitura crítica do mundo e promovendo valores de igualdade, inclusão e resistência.

Dessa forma, a arte do grafite é não apenas um reflexo da sociedade, mas também um catalisador de mudança e transformação, que, ao ser vivenciada e valorizada, cumpre seu papel de mediadora no processo contínuo de evolução e construção de um futuro mais justo e coletivo.

Acredito que uma pesquisa sobre a arte do grafite e sua interação com o corpo e o espaço urbano, confirma a arte do grafite como uma poderosa ferramenta de resistência cultural, social e política. A mediação entre o corpo e o espaço, especialmente no grafite, vai além de uma simples manifestação estética. Ela envolve um processo dinâmico e simbólico que reflete a relação do artista com o seu entorno, seja no espaço público ou nas expressões físicas do próprio corpo. O grafite, ao ser um ato performativo, envolve o corpo do artista não só como um ser

físico, mas como uma extensão de sua identidade, um veículo para expressar suas memórias, lutas e experiências. Ao ocupar os muros da cidade, o corpo, na sua interação com o espaço, torna-se parte de um processo de transformação visual e social que dialoga com a realidade da periferia, da exclusão e da resistência.

Por fim, este trabalho está organizado em quatro tópicos principais. No primeiro tópico abordo minha história no mundo do grafite, contextualizando minha relação com esse movimento e meus primeiros passos junto aos coletivos de arte urbana. No segundo tópico discuto o grafite como linguagem, explorando seu uso em projetos educacionais e sua importância na formação de sujeitos críticos e criativos. No terceiro tópico destaco a presença física e subjetiva dos artistas no espaço público, meu processo de construção da identidade artística e a influência da educação nesse processo, trazendo a mediação do grafite com o corpo e o espaço que reflete a realidade de sua experiência pessoal e social. No quarto e último tópico, faço reflexões sobre a pesquisa a partir dos elementos construídos no decorrer do processo.

2. Minha trajetória no mundo da arte e do grafite

A arte urbana existe para mostrar um universo de conceitos, situar a complexidade de sua manifestação em suas diversas formas que estão ligadas à contradição em vários âmbitos da vida humana. A oposição, o contexto e as relações de poder, sempre desiguais, apresentam ligações diretas com a produção do espaço urbano, permitindo-nos refletir sobre relações de poder e seus diversos níveis na sociedade contemporânea, assim como diz Albuquerque: “Enquanto você reclama mais uma parede é pixada / ataque de foscada, dedo sujo antifascista / artista da madrugada / salve o vandalismo / pé nas costa o terror / verdades vou escrever / e a sociedade que vai julgar, nunca vai entender.” (Albuquerque 2022, p. 16).

Desse modo, muitos poderão não entender o grafite de rua e sua provocação direta ou indireta em relação ao que interessa, que é a igualdade social, o respeito racial, o antirracismo, dentre muitos outros assuntos pertinentes e cruciais para uma sociedade cheia de desigualdades sociais. O grafite, como

ferramenta educativa, abre portas para uma educação emancipadora, a fim de provocar o desenvolvimento das competências e potencialidades do sujeito.

Embora as Leis 10.639/03 e 11.645/08 instituíam a obrigatoriedade do ensino da História da Cultura Afro Brasileira e indígena no currículo escolar, ainda há muito o que se fazer para concretizar a legalidade. Ainda assim, tendo a legalidade a nosso favor, fomentamos as artes urbanas como ferramenta de educação popular, principalmente o grafite, por ser originalmente criado dentro da cultura das massas.

Conforme Frantz Fanon, “A identidade é feita e construída através do olhar do outro, é como o outro nos olha, é que somos construídos socialmente, e assim nos posicionamos como sociedade.” (2008, p. 180). A violência, a desigualdade social e os estereótipos estéticos, são fatores que nos levam a negar a existência da população negra, que às vezes a leva a negar a existência de si própria, desconhecendo sua força e capacidade intelectual, devido a uma cultura arraigada que é repassada pela própria educação, a didática escolar que nega e desconhece a cultura afrodescendente. Assim, os livros de história precisam ser questionados, reescritos e analisados pela lógica da ciência, a mesma ciência que negou corpos negros e os rotulou dentro de um viés de incapacidade, falta de inteligência e delinquência.

A partir desse dessas questões, entendo que não basta dizer eu não sou racista, é crucial praticar o antirracismo mudando a visão da sociedade em relação às culturas negras, construindo noções de pertencimento, a partir do entendimento de que não somos iguais, não irá existir a igualdade social, ela não existe e sim a diferença de cada ser humano, cada um com sua identidade, sua história, memória e significados culturais.

Nesse sentido, presenciei marcas profundas do preconceito racial, da divisão de classe em meu espaço urbano, a falta de uma educação emancipadora e de qualidade, a própria nutrição do saber, pela falta desse tipo de manifestação artística na educação formal e não formal.

Essa compreensão não é apenas teórica para mim, mas atravessa a minha trajetória de vida. Eu, Daniel Abreu, homem negro do Tocantins, filho de pedreiro e dona de casa, cresci em um espaço onde meus pais me ofereceram tudo o que estava ao seu alcance. Entretanto, na minha cidade natal, a carência de recursos educacionais e culturais era visível, fruto de uma sociedade atravessada pelo

racismo estrutural. Crianças e jovens como eu tinham pouco ou nenhum acesso a informações básicas que poderiam ampliar horizontes.

Foi nesse contexto que minhas raízes nortistas me impulsionaram a buscar, por conta própria, novos caminhos. Descobri o *skate*, que me apresentou a um universo de respeito, criatividade e determinação — valores que ultrapassavam a sala de aula e me mostravam formas de aprender na prática da vida. O skate também me levou ao encontro da cultura *punk/hardcore*, onde encontrei referências de política social, anarquismo libertário e uma rede de amizades verdadeiras que levo até hoje. Esses elementos se tornaram a minha primeira escola de resistência e consciência social.

Fig. 01: Reunião do movimento anarco-punk de Goiânia-GO; 2009.



Fonte: acervo do autor. Fotografia: (autor desconhecido)

Ainda jovem, eu me via como um sonhador em busca de uma sociedade livre e mais justa. Decidi, então, ingressar no curso de Pedagogia, acreditando que ali encontraria respostas. Contudo, ao chegar ao quinto período, percebi que meu corpo não se reconhecia naquele espaço. Um hiato se abriu, mas também uma oportunidade de ressignificação. Foi nesse processo que me mudei para Goiânia, onde me deparei com a força do grafite nas ruas e com artistas que viviam dessa expressão. Percebi que meu corpo poderia também ocupar aquele espaço: as vivências no *punk* e no *skate* se transformaram na base para que eu mergulhasse na arte urbana.

Ainda assim, algo faltava: era preciso profissionalizar a experiência e expandir seu alcance. Durante a pandemia, decidi voltar a estudar e ingressei na licenciatura em Artes Visuais no IFG – Campus Goiás. Ali, pude vivenciar projetos de pesquisa científica e de extensão numa perspectiva antirracista. Fui contemplado em editais artísticos e acadêmicos financiados por políticas públicas de incentivo à cultura. Essa imersão me mostrou que, apesar das dificuldades, havia oportunidades para transformar minha realidade e reafirmar minha identidade como homem negro — Crie os personagens “Serbastibão e a Serbastiana” que simboliza o trabalhador e a trabalhadora negra, quem meios ao caos se negam a chorar, acorda cedo e vai à luta com um sorriso no rosto, sua resistência e persistência em querer algo melhor para sua vida, passando por cima do preconceito, nunca o ignorando mas enfrentando-o com sua ferramenta principal, a educação!

Hoje, reconheço que o grafite não é apenas uma profissão ou uma estética: é a voz que resiste e insiste em existir. Ele se tornou, em minha trajetória, o elo entre a luta por igualdade racial, a educação libertadora e a possibilidade de reinventar histórias individuais e coletivas. O grafite, portanto, não é apenas cor no muro: é também memória, denúncia, educação e esperança.

Assim sendo, vejo o grafite como uma oportunidade de fala não verbal, um empoderamento da voz, do grito de guerra, podendo ser também um campo científico, onde a pesquisa aprofunda os conhecimentos sobre relações sociais, espaços, comunidades, criando uma janela para o conhecimento e portas para novas oportunidades jamais imaginadas e que são abertas como possibilidades através da arte de rua.

Assim, pude ministrar uma oficina de grafite e muralismo para uma escola do interior do Tocantins, Paraíso do Tocantins, minha cidade natal. Sem acesso a ferramentas adequadas para a prática do grafite, usei latas de uso geral para cumprir a demanda, desafios que o grafite brasileiro passa, pela falta de material, tendo que se adaptar aos recursos disponíveis.

A vontade de entrar nesse universo era maior que as limitações, e assim, através das relações interpessoais, do olhar de mundo e a percepção de minha identidade, foi surgindo o 'grito artístico' numa perspectiva educativa, onde passava por meio da arte uma visão de mundo, de sociedade e de cultura com a prática sobre parede, aprimorando a cada dia os métodos e o processo de criação. Nesse sentido, meu desejo de criar ia aumentando à medida em que compreendia que a arte pode ser um meio para se alcançar nossos objetivos, e pode salvar desde o menino do interior, que vive alienado das oportunidades de lazer e cultura, até os jovens das grandes metrópoles.

Fig. 02: Projeto Cultura em Ação, Escola Raio De Sol, Paraíso do Tocantins; 2016.



Fonte: Acervo do autor. Fotografia: (autor desconhecido)

Início de uma paixão adormecida, que a cada dia acordava para crescer cada vez mais, aconteceu naquela cidade do interior do Tocantins, onde os alunos puderam ter contato com a arte de rua.

Devido a falta de estrutura para me manter naquela cidade e pela desigualdade social gritante, a vida me leva a outros limites, buscando formas de

resistência e protesto para outras realizações que se somaram como pesquisa e aprendizado de novas técnicas e forma de expressão, buscando uma didática específica para aprofundar mais nesse campo. Foi assim que busquei minha emancipação através da formação acadêmica, ingressando na universidade, no curso de Pedagogia, tendo acesso a autores e autoras que abriram portas para uma visão mais centrada, me abrindo uma sede de novos conhecimentos. Nessa jornada de aprendizagem, mas longe do cenário artístico e do campo da arte urbana, acabei seguindo por outros caminhos.

Anos mais tarde, no ano de 2020, ingressei no curso de licenciatura em Artes Visuais pelo Instituto Federal de Goiás, no campus Cidade de Goiás, onde atualmente desenvolvo minha pesquisa na perspectiva da arte/educação numa perspectiva antirracista, onde venho ganhando meu espaço como homem negro de ancestralidade indígena e cabocla, “tocantinense dos pés rachados “ do coração calorento, cheio de amor e vida, inspirado por minha caminhada artística até aqui.

Com obras de arte urbana espalhadas pelo estado do Goiás, Tocantins, Brasília, venho sendo um artista do Centro Oeste que se destaca por suas cores e traços marcantes, com personagens que retratam e refletem o brasileiro lutador que em meio a tanta luta e dor se nega a chorar, acorda pela manhã e vai à labuta! Nessa jornada, agora mais ampliada, venho atuando em projetos de iniciação científica pelo campus, projetos de lei de incentivo, uma delas pelo governo federal e dentre outros projetos que ligam corpo, espaço acadêmico e sociedade. E, nesse percurso, mantenho meu objetivo intacto seguindo para um bem maior, onde minha vida é para essa causa, mudando dentro de mim para mudar ao meu redor, tendo a educação e a arte como ferramentas poderosas de mudança.

Essa jornada, marcada por lutas e superações, me trouxe à reflexão sobre o papel do grafite como ferramenta pedagógica. A arte urbana, frequentemente marginalizada, tem se revelado um campo fértil para o exercício da educação transformadora, capaz de desconstruir barreiras sociais e culturais. O grafite, com sua força estética e simbólica, oferece possibilidades imensuráveis de diálogo entre o educador e o educando, sendo um potente instrumento para o desenvolvimento da criatividade, da crítica e da cidadania. Através das cores e dos traços, podemos sensibilizar, provocar reflexões e, sobretudo, criar espaços de

expressão genuína, onde a diversidade, a história e as lutas sociais se encontram e se fortalecem.

Educar por meio do grafite é também educar para o reconhecimento da arte como um direito de todos, um espaço democrático onde a voz de cada um pode ser ouvida, não importa o lugar ou a classe social. O grafite é, portanto, mais do que uma técnica: é um movimento cultural e social que pode, e deve, ser incorporado ao ensino como uma forma de resistência, de afirmação e de transformação. Ele é capaz de traduzir em imagens o que as palavras, por vezes, não conseguem expressar, alcançando corações e mentes de uma forma visceral e imediata.

Em um contexto antirracista e de valorização das identidades, o grafite também tem se mostrado uma poderosa ferramenta de empoderamento, permitindo que vozes historicamente silenciadas possam se fazer ouvir, sejam elas de povos indígenas, negras, periféricas ou marginalizadas. Assim, o grafite na arte/educação não é apenas um meio de expressão artística, mas um caminho para a emancipação, a inclusão e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Portanto, acredito que as possibilidades de educar por meio do grafite são vastas e urgentes. Ele não é apenas uma forma de arte, mas um campo vivo de resistência e transformação social, onde podemos resgatar e renovar as possibilidades de ensino e aprendizagem, ampliando os horizontes da educação e, ao mesmo tempo, oferecendo uma nova perspectiva de olhar e sentir o mundo. Em cada muro pintado, em cada rua tomada por arte, há uma história a ser contada e uma educação a ser vivida.

O grafite, sua história e suas diferentes linguagens e formas de expressão. Compreendo que o grafite é uma ferramenta pedagógica para se alcançar um ensino antirracista, um ensino que dialoga com a realidade e traz esperança para os sujeitos, especialmente aqueles se inserem dentro de recortes socioculturais e étnico-raciais mais vulnerabilizados. Isso ocorre devido ao seu potencial de transmitir conhecimentos estéticos de forma crítica, promovendo uma relação de ensino e aprendizagem colaborativa para transformar a realidade e dar esperança para crianças e adolescentes que não tem acesso a museus e outros espaços da arte institucionalizada.

3. Grafite e suas diferentes linguagens e formas de expressão

Para contribuir com a construção dos conhecimentos sobre a linguagem do grafite, passo a descrever suas técnicas, estilos e materiais empregados, sabendo que atualmente existe uma gama de recursos que tornam a arte do grafite cada vez mais expressiva, gerando um colorido vibrante sobre paredes e muros das cidades.

A arte urbana e suas camadas de interação como “*lamb lamb*” que uma é arte de papel, uma colagem rápida em paredes, que geralmente é composta por desenhos ou frases, de acordo com a performance do artista. O “*stencil*”, bastante utilizado em grafite para dar formas continuadas a imagens, que por sua vez é feita através de corte com estilete sobre uma camada firme que possa ser utilizada diversas vezes. “Empena” é o nome dado a uma pintura de mural em grande escala, em prédios, por exemplo, sendo executado sobre equipamentos de segurança para altura, que só é realizada perante um curso preparatório de segurança. E, por último, o grafite, que compõem a arte urbana e seus diversos estilos de performance, como por exemplo: “*wildstyle*” que são letras pontiagudas com setas e uma forma geométricas das letras que são praticamente incompreendidas, originalmente surgida na década de 1990 em Nova York.

O “*Bomb*” é um estilo de letra redonda, que carrega o nome do artista, seu apelido, especificamente. “*Trow-up*” um estilo que usa apenas uma cor, paralelo ao Bomb que é feito de forma rápida, geralmente em lugares sem autorização. E por último as “tags”, que são a própria assinatura do grafiteiro feita de formas rápidas, umas legíveis e outras ilegíveis.

Os estilos se caracterizam pela regionalidade intencionalidade artística e técnicas empregadas. Sua linguagem dá corpo a sua estrutura artística, como o “3D style”, com suas pinturas tridimensionais que utiliza efeitos de luzes, sombras, contornos e profundidade, materializando uma expressão de realismo que ‘pula’ para fora da parede. Freestyle, usando a forma livre e dando ênfase a seu processo criativo, deixando fluir no momento. Alguns artistas usam ferramentas de proteção como luvas, máscaras, óculos e outros suportes necessários à execução do grafite.

Existem termos utilizados para a prática, com uma linguagem própria, gírias e dialetos que compõe a expressão artística, assim como suas regras de conduta, tais como:

Grafitreiro/writer que é o nome dado ao artista que pinta.

Bite: imitar o estilo de outro artista.

Crew: nome dado a um grupo ou coletivo de grafiteiros.

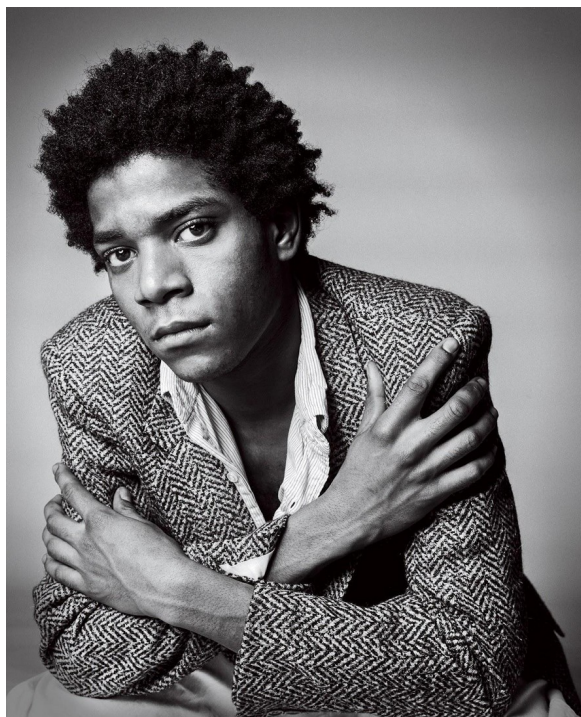
Toy: grafiteiro que acaba de iniciar na arte do grafite.

Spot: lugar onde é praticada a arte do grafite.

Cross/atropelo: nome dado a quem fez um grafite por cima de outro grafite.

Há também artistas que criaram uma linguagem original através de seu estilo artístico e performance no decorrer de sua jornada, assim como o jovem Jean Michael-Basqueat, um artista nova-iorquino que originalizou o pixo, colagem e pintura. Como um era um jovem negro das ruas de Nova Iorque, grafitava em nos edifícios abandonados em Manhattan, e logo se tornou um artista negro que ganhou destaque na arte contemporânea através mundo.

Fig. 03: Jean-Michel Basquiat



Fonte: Richard Corman/CPI Syndication; beenhere.org

Jean-Michel Basquiat nasceu em 22 de dezembro de 1960 e faleceu em 12 de agosto de 1988. Ele foi pintor, grafiteiro, ícone pop, ator e músico. Geralmente

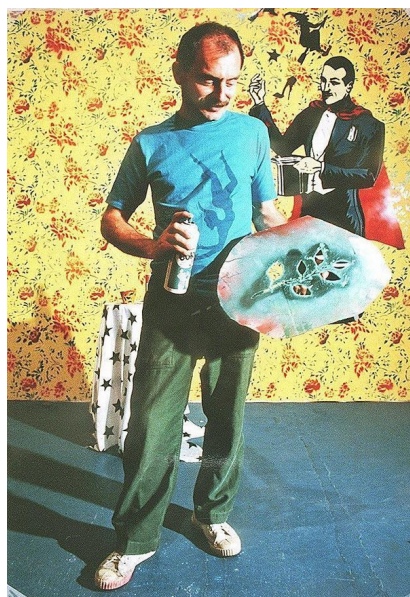
considerado um dos maiores artistas do século XX, as obras de Basquiat tornaram-se uma força importante na revitalização da arte americana. Em 2017, “Untitled” de Basquiat – representando uma caveira – foi vendido por US\$ 110,5 milhões, o valor mais alto já pago em leilão por uma obra de arte produzida nos Estados Unidos e por uma pintura de um artista negro.

Jean-Michel Basquiat nasceu no bairro de Brooklyn, em Nova York, e cresceu em uma família de classe média. Seu pai, Gerard Basquiat, era contador nascido em Porto Príncipe, Haiti, e sua mãe, Matilda Andrades, nasceu em uma família porto-riquenha no Brooklyn. Em 1977, quando tinha 17 anos, Basquiat e seu amigo, Al Diaz, começaram a pintar mensagens incisivas como graffiti em metrô e edifícios na parte baixa de Manhattan, acrescentando a infame assinatura SAMO© (“mesma velha merda”).

Suas pinturas vívidas incorporavam imagens tão diversas como máscaras africanas, citações de Leonardo da Vinci e “Gray’s Anatomy”, murais egípcios, cultura pop e jazz. Considero importante mencionar a vida desse artista, pelo fato de sua vida ter representado um grande levante para a arte do grafite e ao mesmo tempo um desastre, vítima das mazelas da burguesia e da frustração da falta de liberdade e sem sua presença de fato com artista, levando a auto destruição.

No Brasil tivemos artistas silenciados e exilados, como o artista etíope, radicado no Brasil, Alex Vallauri, que criou a obra: “Boca de Alfinete” (1973).

Fig. 04: Alex Vallauri



Fonte: artevaral.blogspot.com

A obra intitulada “Boca de alfinete”, de 1973, evidenciou a censura da ditadura militar. Foi pelo seu pioneirismo e sua influência que o dia de sua morte, 27 de março, tornou-se a data comemorativa ao Dia do Grafite no Brasil. Quando faleceu, aos 37 anos, Vallauri já tinha conquistado certa fama, grafitando muros de Nova York e espalhando por São Paulo suas botas de salto alto, araras e telefones. Com isso, virou o que alguns críticos chamam de um “artista do povo”.

Vemos que grandes nomes tiveram destaque e reconhecimento através de sua identidade, com seu objetivo de forma expressiva e clara, e outros já usaram uma forma de expressar mais anônima de seus objetivos artísticos com múltiplos sentidos e efeitos.

Assim, trago essa escrita de suma importância da alma e sentimento de quem as expõe nos locais públicos ou na folha de um papel. Não se engane com meu sorriso de paz, ou com meus discursos conscientes, pois enquanto te digo: “Olha pra frente” o medo de pisar na merda puxa meu pescoço pra baixo. Memorizo quase tudo, faço anotações abstratas de jejum com o balão na mente o menor é ver a viatura passar e torcer pra não ser notado. (Trapó, 2024, p. 22).

Em síntese, o grafite é muito mais do que uma forma de expressão estética ou uma intervenção urbana; ele é um reflexo da sociedade, das tensões políticas e sociais, das desigualdades e dos anseios de quem vive à margem. Com suas diversas técnicas, estilos e abordagens, o grafite transcende o conceito de simples arte de rua, tornando-se uma poderosa ferramenta de resistência e transformação. Ao longo da história, artistas como Jean-Michel Basquiat e Alex Vallauri mostraram como a arte do grafite pode ter múltiplos significados, seja como uma crítica à opressão, seja como uma busca pela liberdade criativa e identidade.

O grafite tem a capacidade de questionar as normas estabelecidas, trazendo à tona questões que muitas vezes são silenciadas, tornando-se uma linguagem universal que dialoga com diversos contextos e realidades. Seu potencial pedagógico, como evidenciado na proposta de um ensino antirracista, é um aspecto que não pode ser ignorado, pois permite que crianças e jovens de comunidades marginalizadas se vejam representados e, através da arte, encontrem formas de resistência e esperança.

Ao se infiltrar nos espaços públicos, o grafite ocupa um lugar privilegiado de contestação e visibilidade, afastando-se das paredes institucionais das galerias e museus e se apropriando do cotidiano das ruas. Com isso, o grafite segue não apenas como arte, mas como uma força viva que continua a moldar e a interagir com as dinâmicas sociais contemporâneas, garantindo que a voz de quem a pratica ecoe de forma potente no cenário urbano global.

4. Ascensão do corpo mediante os espaços e construção de minha identidade

Neste tópico, pretendo discutir meu processo de construção da identidade artística e a influência da educação nesse processo. Desse modo, a ascensão do corpo dentro desse espaço artístico se dá através da construção de uma narrativa visual que vai além do simples ato de grafitar. O artista se posiciona, se expõe e, ao mesmo tempo, se reinventa a partir do ambiente urbano. A arte do grafite se conecta diretamente ao contexto social, cultural e histórico, com a identidade do corpo do artista sendo refletida nas imagens e na estética do grafite. Cada mural, cada "tag", cada linha traçada nos muros das cidades é uma afirmação de presença, uma intervenção simbólica que traz o corpo do artista para o centro do debate sobre pertencimento, resistência e representação.

A escolha do nome artístico é um dos aspectos fundamentais dessa trajetória. O nome artístico não é apenas uma assinatura, mas uma identidade que se constrói a partir da vivência e da experiência dentro do universo do grafite. Ele carrega consigo uma série de significados que dialogam com o território, com a memória cultural e com o próprio movimento da arte urbana. O processo de escolha de um nome artístico, muitas vezes ligado a uma vivência pessoal e a um símbolo de resistência, é um elemento vital na construção da subjetividade do grafiteiro, e a escolha de meu nome artístico *DAM* (demos amor mútuo) é um simbolismo de integridade, em dar sem querer receber nada em troca, altruísmo, gentileza, amor ao próximo.

O projeto artístico ou a poética do grafite é uma expressão genuína do olhar do artista sobre a sociedade e o mundo que o cerca. Ela reflete a busca por uma estética que, em muitos casos, é uma forma de contestação e expressão de

opressões. A arte do grafite é carregada de imagens que denunciam injustiças sociais, exaltam a identidade cultural periférica e, principalmente, colocam em pauta o poder transformador da arte como uma ferramenta de mudança social. As imagens do grafite não são apenas ornamentais; elas possuem uma função de comunicação e de agitação das consciências, de maneira visceral e autêntica. Elas transmitem mensagens de resistência, de luta e de pertencimento a um território muitas vezes marginalizado. O grafite é, assim, uma forma de estabelecer uma leitura crítica do mundo, que questiona os valores impostos e oferece novas formas de olhar para a sociedade.

O estilo é multifacetado, variando de acordo com o contexto, a técnica, a mensagem e o próprio corpo do artista. Existem estilos que buscam a complexidade visual e a exploração de formas e cores, enquanto outros preferem a simplicidade e o impacto direto das mensagens. No entanto, todos compartilham o objetivo de gerar uma reação no espectador, seja pela surpresa, pela reflexão ou pela emoção despertada pela imagem.

Assim, é chegado o momento de criar e me encontrar no meio artístico, com os desafios que chegam com minha forma de ver, sentir e dialogar com a realidade atual. Desafios que implicam com o que tenho em mãos, a dúvida do fazer e não fazer, participando de uma intervenção artística no estúdio Pé de Amora com os artistas Samuel Caxeta (artista plástico) e o Felipi El Gattito (ilustrador e animador).

Fig 05: Projeto cores vivas. Goiânia, 2021



Fonte: acervo do autor. (autor desconhecido)

Fig. 06: Beatles in roll, Projeto Cores Vivas. Goiânia, 2021.



Fonte: Acervo do autor. (autor desconhecido)

Durante uma semana aprendi com eles a importância da identidade e o caminho a trilhar dentro das artes visuais, pois estava com artistas premiados e era de suma importância guardar tudo em mente, aprimorando as técnicas e estilo com o que via da prática daqueles artistas. O espaço era um estúdio musical de gravação de música sertaneja regional onde já passaram artistas como Thiago Paiva (cantor de sertanejo reconhecido nacionalmente) e a mesma arte aparecendo em videocliques, onde foi minha primeira aparição como artista, dando impulso a novos caminhos, trilhos da persistência.

Fig. 07: 175 anos de Liceu.



Fonte: Acervo do autor. (autor desconhecido)

Já com um embasamento teórico em oficina e aberto a novas experiências, fui convidado a participar do projeto do Governo Federal: Projeto Jovens de Atitude, na Escola Alcides Jubé, Lyceu Goiás, comemorando também os 175 anos da escola, onde tivemos uma breve apresentação, eu como artista e profissional da arte/educação, trazendo o conceito do grafite, o trabalho em equipe com a participação coletiva. Os alunos foram instruídos a manusear corretamente a lata de spray e a tinta látex sobre parede, sob a supervisão dos professores e coordenadores, este mesmo projeto ganhou destaque e enalteceu a história da escola.

A partir de então, busquei novas formas para trabalhar no mercado artístico, desenvolvendo e concluindo diversas obras de pequeno e grande porte,

painéis de grafite e muralismo. Assim, fui desenvolvendo minha identidade artística através do conceito de “espaço”, conquistando meu campo de atuação profissional como artista visual. Recebi diversos convites para participar de eventos, tais como: *Ariranha Music Festival 2º Edição*. Jataí -GO, em agosto de 2022; *Festival NERO CITY - Goiânia-Go*, em 2023; *Intervenção Explosão de Amor, em Taquaruçu - TO*, em 2023. Criei no mesmo ano um selo de roupas customizadas chamado Lata de Tinta, focando no conceito antirracista, misturando todas as cores e respingos de tintas simbolizando o choro de cada nação que sofreu a crueldade humana.

Fig. 08: Lata de Tinta, Miranda e Daniel. Goiânia, 2022.



Fonte: acervo do autor. (Fotografia de Vinicius Maciel, 2022).

A Lata de Tinta nasceu da vontade de romper com o comum. Surgiu como um selo independente, uma marca que se recusa a seguir fórmulas prontas ou padrões estabelecidos pela moda. Seu propósito vai além de vestir — é expressar, provocar e representar. Cada camiseta é uma tela em branco que ganha

vida com traços inspirados na arte urbana, no abstrato e na arte contemporânea, resultando em peças exclusivas que carregam significados profundos.

Mais do que um produto, a Lata de Tinta é um manifesto visual. A marca acredita que a arte deve estar nas ruas, nos corpos e nas atitudes, e não apenas nas galerias. Cada estampa traduz um conceito, uma emoção ou uma crítica, tornando o vestir uma forma de expressão autêntica.

Seu lema — “Todos como um, e um como todos” — resume a essência da marca: a união na diversidade. As cores presentes nas estampas simbolizam todos os povos, culturas e histórias, representando a ideia de que, embora sejamos diferentes, compartilhamos a mesma humanidade. Em cada camiseta, há a celebração da igualdade e da individualidade: todos iguais, mas cada um com sua própria cor, sua própria voz.

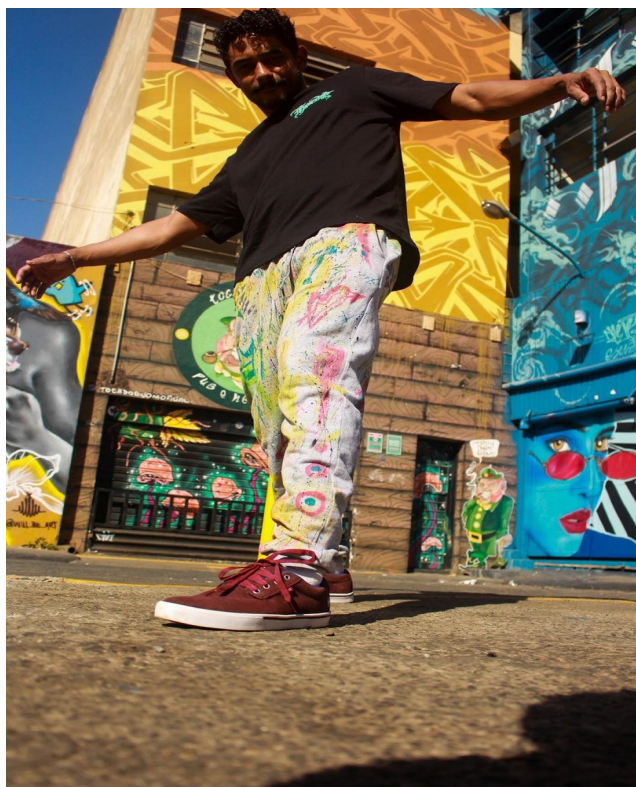
A Lata de Tinta é, portanto, mais que uma marca de roupas — é uma plataforma criativa que busca inspirar pessoas a se expressarem com autenticidade, a se reconhecerem na mistura de cores, texturas e ideias. Assim como uma lata de tinta guarda infinitas possibilidades, a marca acredita que dentro de cada pessoa há uma arte esperando para ser revelada.

Fig. 09: Livia, Miranda, Marcela, Lata de Tinta, Goiânia, 2022.



Fonte: Acervo do autor. Fotografia de Vinicius Maciel, 202

Fig. 10: Lata de tinta, Goiânia, 2022.



Fonte: Acervo do autor. Fotografia de Vinícius Maciel, 2022.

Fig. 11 – *Streetart Hardcore.*



Fonte: Acervo do autor. Beoart, 2023

Fig. 12: *Streetart Hardcore*.



Fonte: Acervo do autor. Fotografia de Daniel Abreu.

Já com uma bagagem adquirida a partir das participações em diversos eventos e intervenções artísticas e pesquisas feitas antes de cada atuação, desenvolvi em meu próprio festival com o selo “Lata de Tinta”, e apoio da Campeli, Two Beers Records, com shows de bandas de *punk hardcore* e intervenção de grafite a céu aberto com diversos artistas da cidade de Goiânia, onde fui o diretor geral e curador.

Fig. 13: *Streetart Hardcore*, mural coletivo, 2023.



Fonte: Acervo do autor. Fotografia de Daniel Abreu.

Fig. 14: *Streetart Hardcore* de Daniel Abreu. 2023.



Fonte: Acervo do autor. Fotografia de autor desconhecido.

Fig. 15: Cartaz para colônia de férias Movimentare. Ísis Carneiro, 2023.



Fonte: Acervo do autor.

Em meio a trabalhos comerciais e intervenções, o corpo vem aprimorando seu poder de buscar relações interpessoais, reforçando o coletivo para alcançar o inalcançável pelos olhos de quem se prende na sombra da ignorância. bell hooks

(2021), autora feminista e crítica cultural, aborda o amor ao próximo de maneira profunda em seu livro “Tudo sobre o amor” que tem uma passagem marcante que diz: “Amar é um ato de vontade — isto é, tanto uma intensão quanto uma ação. A vontade também implica escolha. Nós não temos que amar. Escolhemos amar” (2021, p. 47). Essa frase reforça a visão da autora sobre o amor como uma prática ética e revolucionária, que ultrapassa o âmbito romântico e se estende à coletividade, ao respeito e ao cuidado com o outro.

Acredito que o grafite trabalha de forma coletiva e o respeito mútuo, em que não há “bom” e nem “ruim”, mas sua identidade. Dentro de sala de aula, trabalho esse conceito com em que as oficinas funcionam de em que todos participam e aprendem na prática, com o intuito de enaltecer valores ainda não apresentados para os alunos.

Fig. 16: Oficina de grafite Movimentare, 2023.



Fonte: Acervo do autor. Fotografia desconhecido.

Outra experiência importante na construção do meu percurso foi o projeto de extensão “Arte Urbana Para Uma Educação Antirracista” no ano de 2023, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG). Iniciada na

20ª Semana Nacional De Ciência e Tecnologia, em 2023, se desenvolveu nas cidades de Goiás, Goiânia e Formosa, lugares históricos como o antigo “Beco chupa Osso” do Quilombo Alto Santana.

Fig. 17: Cartaz do Projeto de extensão Arte urbana para uma educação antirracista/IFG. 2023.



ARTE URBANA PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Daniel Abreu dos Santos; Gabriel Mota de Oliveira; Iracema Maria Caetano Cherednikov; Brisa Castro Rocha de Aguiar (Acadêmico do Curso de Licenciatura em Artes Visuais e Produção de Áudio e Vídeo Integrado ao E. Médio / IFG – CÂMPUS CIDADE DE GOIÁS Wagner Falcão Carlos; Alemar Moreira de Sousa (docentes do IFG – CÂMPUS CIDADE DE GOIÁS)
Profa. Dra. Ana Rita da Silva (Orientadora)
Email: damcrustchrst@gmail.com; gabrielmota2017@gmail.com; iracemamariacaetano018@gmail.com; brisa123blp@gmail.com; carlos.falcão@ifg.edu.br; alemar.sousa@ifg.edu.br; ana.silva@ifg.edu.br.
EDITAL 019/2023/GEPEX/IFG/CÂMPUS CIDADE DE GOIÁS

1. INTRODUÇÃO

A presente ação de extensão tem como escopo desenvolver a arte urbana na modalidade do grafite através do protagonismo de um coletivo de estudantes/artistas do IFG, a fim de que possam desenvolver seus processos de criação, criando *vínculos entre escola e comunidade*. Através da arte urbana os jovens podem sentir-se pertencentes e protagonistas de seu processo educativo, fazendo com que reelaborem *questões de cidadania e pertencimento numa perspectiva antirracista*. Neste sentido, o projeto visa contribuir para a *expressão das identidades dos jovens artistas/estudantes dentro de seus recortes étnicos e sociais*, abordando especialmente a temática afrodescendente, visto que se trata do recorte étnico que se encontra mais fortemente demarcado nesse grupo estudantil.

Visa ainda contribuir na melhoria da qualidade da educação por meio da *integração dos estudantes e docentes com a comunidade externa*, oportunizando *acesso ao conhecimento gerado no âmbito do IFG*, bem como o reconhecimento de saberes, experiências e vivências inerentes à cultura juvenil.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Desenvolvimento de arte urbana na modalidade Grafite em espaços educativos/culturais da cidade, sob orientação de um estudante/artista pertencente a um coletivo de arte urbana. Os espaços serão contatados para autorização mediante apresentação de projeto da intervenção. Os temas dos murais serão escolhidos de acordo com o contexto do local em que ocorre a intervenção, com entrecruzamento entre a temática das minorias, especialmente o povo negro, e motivos do cerrado, por se tratar de um tema que compõe a identidade do artista que orienta as produções. A partir daí são criados os esboços nas paredes com a técnica do grafite, em seguida é aplicado um fundo de látex, para só então traçar o desenho e a pintura na parede.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto propõe a inclusão de saberes, práticas, identidades, circulação de arte e posicionamentos que comportam as visualidades da arte urbana em espaços *fora do circuito central e centralizante da cidade*, chamando a atenção para temáticas importantes que apontam para uma educação e uma cultura antirracista em nossa sociedade.

Fig 1 - Grafite no Câmpus Cidade de Goiás - personagem 'Serbastiana' de Damchargista.



4. CONCLUSÃO

O projeto se encontra em andamento em fase de organização dos materiais e diálogos com as comunidades/espacos de realização das intervenções, sendo estes: Câmpus Formosa/IFG; Quilombo Alto Santana em Goiás; Câmpus Cidade de Goiás/sala do Neabi Nuances.

5. REFERÊNCIAS

COSTA, Renata da. **Graffiti: uma forma de arte urbana**. 13 mai. 2012.
FUZARI, Maria Felismina; FERRAZ, Maria Heloisa. **Metodologia do ensino da arte**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1993.
GANZ, Nicholas. **O mundo do grafite: arte urbana dos cinco continentes**. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2010.
GITAHY, Celso. **O Que é Grafite**. São Paulo: Editora Brasileira, 1999.

Os recursos deste evento foram oriundos do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação - MCTI

OBS.: As margens deverão obedecer o padrão já definido no modelo.

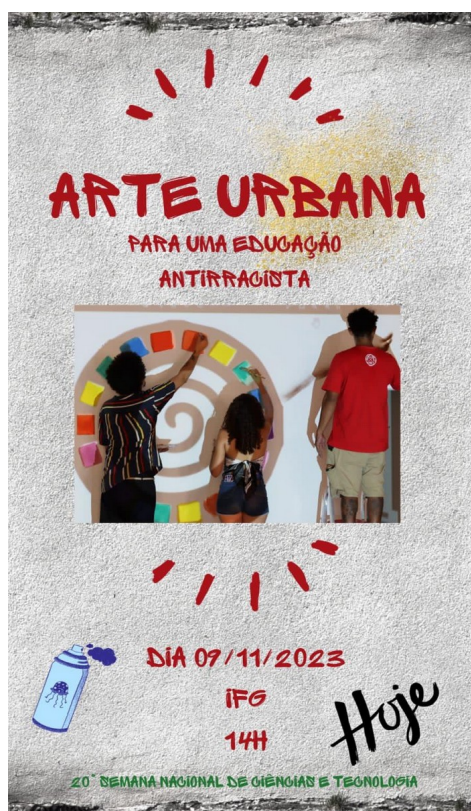
Fonte: Acervo do autor.

Fig. 18: Projeto de extensão Arte Urbana Para Uma Educação Antirracista. IFG - Formosa-GO, 2023.



Fonte: Acervo do autor. (Fotografia de autor desconhecido).

Fig. 19: Cartaz do Projeto de extensão Arte Urbana Para Uma Educação Antirracista. IFG, 2023.



Fonte: Acervo do autor

Fig. 20: Cartaz do Projeto de extensão Arte Urbana Para Uma Educação Antirracista. IFG, 2023.



Fonte: Acervo do autor.

Fig 21: Cartaz do Projeto de extensão Arte Urbana Para Uma Educação Antirracista. Lei Paulo Gustavo



Fonte: Acervo do autor.

Fig 22: Cartaz de apresentação do Projeto de extensão No Encontro de Culturas Negras - Uruaçu-GO.



Fonte: Acervo do autor.

Os espaços conquistados através do grafite foram um marco em minha vida, essa caminhada e me fez ver e pensar de outra forma, pois jamais não iria alcançar tais performances criativas se não tivesse feito a mediação de arte e indivíduo e espaço. Sei que estou dando um passo de cada vez, pois é minha formação acontece não somente na licenciatura em artes visuais, mas, no decorrer de minha vida, ao trabalhar a estética das artes urbanas é possível para alcançar resultados com, exposições fora do estado e até produtos exportados para o exterior, com alguns destaques nas mídias televisionadas, jornais e diploma de honra ao mérito.

Fig. 23: Cartaz da Exposição coletiva “Do Cerrado para o Brasil. Bento Gonçalves-RS, 2024.



Fonte: Acervo do autor.

Fig. 24: Cartaz do projeto “Cerrado Goiano”, Santiago - Chile. 2024.



Fonte: Acervo do autor.

Fig. 25: Artedoor Goiás, sua Riqueza é o Cerrado, Goiânia, 2024.



Fonte: Acervo ao autor.

Fig. 26: Diploma de Honra ao mérito - Câmara Municipal de Goiânia, 2025.



Fonte: Acervo do autor.

Para retomar minhas reflexões, quero dizer que a mediação do grafite com o corpo e o espaço é um processo dialético onde o corpo do artista se insere no espaço urbano, trazendo consigo uma identidade própria e um discurso visual que reflete a realidade de sua experiência pessoal e social. O grafite não é apenas um ato de pintar, mas um ato performático que envolve o movimento do corpo, o gesto

e a transformação do espaço público. O corpo é o veículo através do qual as emoções, as lutas e as histórias do artista se materializam nos muros da cidade, tornando a arte uma extensão do corpo e da mente do *grafiteiro*. O meu corpo, como artista do grafite, é uma extensão do meu pensamento, das minhas ideias e das minhas emoções. Ao me expressar através do grafite, meu corpo se torna um instrumento de mediação entre o espaço e o conteúdo, entre a arte e a sociedade. Assim, a ascensão do meu corpo nesse lugar da arte acontece à medida que me aproprio do espaço urbano e utilizo o grafite como uma forma de me afirmar, de me comunicar e de contestar os padrões estabelecidos. A prática do grafite exige um movimento físico constante, um engajamento pleno do corpo no processo criativo, desde o traço até o ato de "tomar" o espaço público.

O meu nome artístico é DAM (demos amor mútuo), simbolizando o respeito o altruísmo, dar sem pretensão de receber nada em troca, ele reflete uma parte significativa da minha identidade e da minha trajetória no mundo do grafite. A escolha do nome surgiu de uma reflexão profunda sobre minhas raízes, minha história pessoal e o significado de minhas expressões artísticas. Ao longo do tempo, o nome foi sendo moldado pelas minhas influências, pelas conexões com outros grafiteiros e pela forma como o grafite me permitiu expressar minhas lutas e vivências. Ele é uma assinatura que carrega tanto a minha identidade como a de toda uma comunidade que se reconhece nas mensagens de meu grafite, da arte urbana.

Considero, assim, que meu projeto artístico é o meu projeto de vida, e tem como base a ideia de resistência e de denúncia, com uma forte presença das questões sociais que permeiam o contexto periférico. Minha poética busca refletir as contradições do espaço urbano, suas desigualdades e suas lutas, utilizando o grafite como uma linguagem visual que provoca reflexão e questionamento. Meu estilo mistura elementos do grafite contemporânea e futurista, com uma "pegada mais gráfica e simbólica, explorando a força das cores e dos traços para comunicar uma mensagem de esperança, igualdade e empoderamento. As imagens que trago para minha arte são, muitas vezes, figuras que representam resistência, liberdade e a luta contra as opressões sociais e raciais, buscando conectar o espectador com a urgência da transformação social.

5. Reflexões sobre o processo de pesquisa

A trajetória desenvolvida neste trabalho evidencia que o grafite vai muito além de uma simples manifestação estética ou de um ato de intervenção urbana. Trata-se de uma linguagem viva, carregada de significados sociais, políticos e culturais, capaz de provocar reflexões e estimular mudanças tanto no espaço físico quanto nas subjetividades que o habitam. A relação entre corpo e espaço, mediada pelo grafite, revelou-se um processo dinâmico de construção de identidades e de diálogo com a coletividade.

Ao utilizar minha experiência autobiográfica como eixo central da pesquisa, foi possível compreender que a arte do grafite representa não apenas uma forma de expressão pessoal, mas também um instrumento pedagógico que contribui para uma educação crítica, libertadora e antirracista. O corpo do artista, nesse contexto, torna-se veículo de resistência e de afirmação, trazendo à tona questões históricas, culturais e sociais frequentemente silenciadas nos espaços formais de ensino.

A reflexão sobre práticas de grafite em projetos sociais, oficinas e ações educativas, tem a finalidade de demonstrar que a arte urbana tem um potencial transformador, especialmente quando articulada com políticas públicas e iniciativas comunitárias. Assim, acredito que o relato de minhas experiências possa reforçar o papel do grafite como ferramenta de protagonismo juvenil, inclusão social e fortalecimento das identidades periféricas.

É fundamental destacar que, mesmo com os avanços na aceitação e valorização do grafite, ainda há desafios a serem superados, como o preconceito social, a criminalização da arte urbana e a falta de reconhecimento institucional. No entanto, a expansão de projetos educativos que utilizam o grafite como linguagem de ensino tem mostrado que é possível subverter tais barreiras, criando espaços de escuta, expressão e transformação.

Diante de tudo que foi discutido, pretendo reafirmar, com este trabalho, a importância de pensar o grafite dentro de uma perspectiva educacional que reconheça a diversidade de linguagens e culturas presentes na cidade. Entendê-lo como um movimento de resistência e como ferramenta de mediação entre corpo, espaço e sociedade é um passo essencial para fortalecer práticas pedagógicas

inclusivas e socialmente comprometidas. Assim, a arte do grafite permanece como um grito visual e simbólico por justiça social, por reconhecimento e por transformação.

6. Considerações Finais

Este Trabalho de Conclusão de Curso reafirma a potência do grafite como uma linguagem estética, política e pedagógica capaz de promover reflexões profundas sobre identidade, resistência e transformação social. Ao longo desta trajetória, compreendi que o grafite não é apenas uma intervenção visual nos espaços urbanos, mas uma forma de ocupar territórios, de reivindicar direitos e de estabelecer diálogos entre o corpo do artista e a sociedade.

A partir de uma abordagem autobiográfica, foi possível construir uma narrativa que entrelaça experiências pessoais para uma análise crítica sobre a forma como o grafite se insere nos contextos sociais, culturais e educacionais. A pesquisa demonstrou que o corpo, enquanto agente mediador, carrega consigo marcas históricas e culturais que se projetam nos muros da cidade, transformando-os em verdadeiros veículos de comunicação, denúncia e esperança.

O grafite, ao ocupar o espaço urbano, rompe com as fronteiras tradicionais da arte institucionalizada, abrindo novas possibilidades para práticas educativas que valorizam a cultura popular e a diversidade de saberes. Dentro de uma perspectiva antirracista e inclusiva, a arte urbana se mostra uma ferramenta poderosa na construção de uma educação mais crítica, reflexiva e transformadora.

Ao logo desta narrativa autobiográfica, é possível afirmar que o grafite ultrapassa a dimensão estética e se afirma como uma linguagem potente de resistência, expressão identitária e transformação social. Ao ocupar os espaços urbanos, subverte a lógica tradicional da arte institucionalizada e promove uma educação libertadora, que valoriza as diferenças, denuncia desigualdades e estimula a reflexão crítica sobre as relações de poder na sociedade. Assim destaca bell hooks: “A educação como prática da liberdade é um ato de resistência e de afirmação da nossa dignidade” (hooks, 2017, p. 273).

Nesse sentido, o grafite, enquanto prática educativa e estética, transforma não apenas os muros das cidades, mas também as subjetividades, fortalecendo vínculos comunitários, estimulando o protagonismo social e inspirando novas formas de atuação política e cidadã. Reafirma-se, portanto, sua importância como ferramenta crítica e emancipadora, que confronta as estruturas opressoras e inaugura possibilidades para a construção de uma sociedade justa e cheia de oportunidades, — onde eu e você será os mediadores para prover e encher os “espaços “ porque tudo mudo, quando você se movimenta para mudar.

Referências Bibliográficas

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. *Narrative inquiry: Experience and story in qualitative research*. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.

JOSSO, M.-C. *Experiências de vida e formação*. Trad. Cássia Maria Rodrigues da Silva. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ALBURQUERQUE, Igor: Shonon nocivo. *Pixação Em São Paulo: território e relações de poder na metrópole*. Ponta Grossa-PR, 2022.

FANON, Frantz. *Pele negra máscaras brancas*: tradução de Renato da Silveira; EDUFRA, 2008.

TRAPO, William. *Temporais*. Goiânia: Editora: negalilu, 2024.

HOOKS, bell. *Tudo sobre o amor - novas perspectivas*. São Paulo, editora: Elefante, 2021.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Ana Luiza Libânio. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.